

ESCREVIVÊNCIA SOBRE CORPO, DANÇA E(M) EDUCAÇÃO NO CENÁRIO ACADÊMICO BRASILEIRO

Mauricio Barbosa de Lima¹

Resumo: Este artigo parte de inquietações ao longo de meus estudos em nível de doutoramento em educação em uma universidade pública brasileira, em busca de um conceito-experiência-método de escritura que pudesse dar conta de um corpo-artista-docente-pesquisador na escritura de sua tese. Corpo em educação. Corpo de um professor preto e afeminado. Foi dançando em busca de experimentar outras corporalidades na pesquisa em educação que me encontrei com a escrevivência de Conceição Evaristo. Encontra-se aqui, em seus diversos textos, palavra que é corpo, corpo que é palavra. As pesquisas em plataformas online de reconhecimento científico permitem constatar uma visível ascensão do uso da escrevivência no cenário acadêmico brasileiro. Porém, esse crescimento é recente e tardio, visto que Conceição Evaristo criou o conceito-experiência em sua dissertação no final dos anos 90 e é somente a partir de 2017, que temos um número mais expressivo de trabalhos que o utilizam. Este artigo, portanto, é o resultado de uma pesquisa preliminar do estado da arte sobre pesquisas em/sobre corpo, dança, performance e educação que têm por protocolo e posicionamento político-estético o uso da escrevivência, possibilitando que os corpos pretos, afeminados falem sobre si mesmos, produzam conhecimento, mobilizem normas e tragam novas poéticas para a academia.

Palavras-chave: Corpo; Educação; Escrevivência; Conceição Evaristo.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) pela Linha de Pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Licenciado em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É integrante do Mais Um Coletivo de Arte. Professor de Artes concursado pela prefeitura de João Pessoa - PB. E-mail para contato: mauriciobarbosalima@gmail.com

ESCREVIVÊNCIA SOBRE CUERPO, DANZA Y EDUCACIÓN EN EL ESCENARIO ACADÉMICO BRASILEÑO

Resumen: Este artículo surge de inquietudes a lo largo de mis estudios en el nivel de doctorado en educación en una universidad pública brasileña, en busca de un concepto-experiencia-método de escritura que pudiera manejar un cuerpo-artista-docente-investigador en la escritura de su tesis. Cuerpo en la educación. Cuerpo de profesor negro y afeminado. Fue mientras bailaba en busca de experimentar otras corporalidades en la investigación educativa que me encontré con la escrevivência de Conceição Evaristo. Se encuentra aquí, en sus diversos textos, una palabra que es cuerpo, un cuerpo que es palabra. La investigación sobre las plataformas online para el reconocimiento científico nos permite ver un aumento visible en el uso de escrevivência en el escenario académico brasileño. Sin embargo, este crecimiento es reciente y tardío, ya que Conceição Evaristo creó el concepto de experiencia en su disertación a finales de los años 90 y es recién a partir de 2017 que tenemos un número más expresivo de obras que lo utilizan. Este artículo, por lo tanto, es el resultado de una investigación preliminar del estado del arte sobre investigaciones en/sobre el cuerpo, la danza, la performance y la educación que tienen como protocolo y posicionamiento político-estético el uso de escrevivência, que permiten cuerpos negros, afeminados hablan de sí mismos, producen conocimientos, movilizan normas y traen nuevas poéticas a la academia.

Palabras clave: Cuerpo; Educación; Escrevivência; Conceição Evaristo.

Introdução

Essa pesquisa não é discreta e nem fora do meio. No universo LGBT, a bicha discreta é aquela que se comporta como hétero e gosta disso. Comumente, ela ouve alguém dizer: “tu até nem parece que é”. Gosta dessa passibilidade, de se passar por hétero. “Fora do meio” é uma expressão encontrada muitas vezes em aplicativos de pegação na descrição de alguns perfis. “Sou fora do meio” é uma indicação de que essa bicha não se vê participante e inserida no universo LGBT. Como indica Richard Miskolci (2015), os perfis de bichas “discretas e fora do meio” optam pela discrição, pela masculinidade e pela recusa de qualquer traço afeminado.

Em meus processos de doutoramento, eu quero uma pesquisa bem viada, preta, afrescalhada mesmo, que carnavalize e afirme a educação como um lugar cada vez mais empretecido, afeminado e que dance reboativamente com seus batons e saltos altos. “Realce! Quanto mais purpurina melhor”, como na canção de Gilberto Gil. Por isso quero que as palavras estejam purpurinadas e esbanjem alegria de ocupar um território que durante muito tempo negava sua existência, silenciando seus corpos. Te convido a desmunhecar comigo, mexer os quadris e chacoalhar o esqueleto para que possamos encontrar novos sentidos para o ensinar e o aprender na escola pública.

Essa dança viada e preta pede novos agenciamentos, pois já basta ter que repetir os velhos conceitos, “a velha opinião formada sobre tudo”, para parafrasear o maluco beleza Raul Seixas. Para a gente rebolar bem gostoso é preciso que outras autorias componham nossa dança. A professora Megg Rayara² me disse durante uma de suas aulas: “quais autoras você chamaria pra tomar chopp contigo?” (a partir daqui vou usar o feminino em muitos momentos para mencionar homens cis e trans e mulheres cis e trans). Uma excelente provocação. Megg também dizia: “desconfie das pesquisadoras que nunca andaram de ônibus na vida”. Acho tudo! Essas colocações da professora travesti preta me fizeram questionar coisas que nunca havia antes questionado.

² Docente permanente do quadro do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Uma pausa pra agradecer Megg: muito obrigado por você existir na UFPR. Muito obrigado por embaralhar, desajustar minha dança. O figurino do Maurício comportado, não me serve mais. As palavras que escolho nesse texto, o tom que uso e as nuances deste texto são frutos dos encontros que tive durante as aulas contigo e com aquela turma linda e inesquecível. Posso cantar com Arnaldo Antunes e Marina Lima que em suas aulas eu engravidei, “grávida de um beija-flor; grávida de ideias, de um liquidificador.”

Sambando junto com as provocações de Megg, comecei a me perguntar: quais autoras eu chamaria para dançar nessa pesquisa em educação? Olhei para os livros da estante e vi corpos que em sua maioria eram brancos e europeus. “Bixa, melhore! Vamos começar a ler e estudar autoras pretas?”

É nesse processo que chego à Conceição Evaristo (2020) e mais especificamente na escrevivência. Ao escrever esse texto, me coloco a experimentar uma escrita, inspirada no fazer evaristiano, que flerta com a palavra em seu teor poético. Forma e conteúdo são imbricados em uma produção textual que propõe fluxos de movimento no aspecto formal da pesquisa acadêmica.

Encontro nos diversos textos de Conceição, palavra que é corpo, corpo que é palavra. Ela, assim como minha mãe, é uma mulher preta que já foi trabalhadora doméstica e (adivinha?) já andou de ônibus. As experiências de vida dessa escritora preta e toda a sua produção transbordam o campo literário e ocupam o acadêmico, deixando marcas, caminhos, sulcos úmidos que criam vida por onde passam. Fazem-me perceber aspectos da minha trajetória como professor de uma escola pública que antes eu negligenciava.

Um desses aspectos diz respeito aos corpos que compunham minhas perspectivas teóricas. Agradeço muito a Gilles Deleuze, Pina Bausch, Félix Guattari, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Paulo Freire, vocês poderão até ser citados durante essa pesquisa, mas meu corpo de bixa preta pede agora outros movimentos com mais melanina afeminada, bem tropical acalorado, bem salgado como as águas do mar. Essas águas trouxeram meus ancestrais escravizados dentro de navios. São nessas mesmas águas que eu quero uma pesquisa cura, uma pesquisa celebração. Águas-palavras paridas dos seios de escritoras como Conceição; como lemanjá que cuidou de Obaluaê e sarou suas feridas com seus líquidos salgados. Dança salgada, cheia de suor, calor. Corpo em educação. Corpo de um professor afeminado e preto.

Foi dançando em busca de experimentar outras corporalidades na pesquisa em educação que me encontro com a escrevivência de Conceição Evaristo. E é para ela que ofereço essa dança.

A autora Conceição Evaristo (2020), ao falar sobre a escrevivência, associa o escrever, o ver e o viver para trazer à cena o protagonismo das mulheres pretas. Elas, agora, passam a tomar a caneta e escrever por si próprias as suas histórias, se apropriam de uma ferramenta que antes era dominada por corpos dos homens brancos. Escrever para ecoar outros corpos que antes eram excluídos de diferentes espaços como a literatura, levando a autora afirmar que “essa prática não é para embalar os sonhos da casa grande” (EVARISTO, 2020, p. 30).

Quando chamo Conceição pra rebolar comigo nessa pesquisa, quero um outro tipo de parceria. Uma parceira que desmunheque para afrescalhar o estar sendo professor. Isso não é uma rebeldia gratuita, até porque quero continuar compondo com as teorias que circulam com maior facilidade na academia. Porém, reconheço os limites delas, das mudanças que elas promovem dentro e fora da universidade, dentro e fora dos espaços de ensino.

É verdade que temos na atualidade teorias críticas e até pós-críticas, pós-estruturalistas, dentre tantas categorias epistêmicas, que possibilitam outras formas de se fazer pesquisa. Porém, concordo com Victoria Villanova (2021, p. 28) quando ela afirma que, embora tenhamos uma visão social progressista de esquerda, dentro do âmbito acadêmico, continuamos a perpetuar práticas advindas das classes dominantes. Essas “teorias sociais/artísticas nunca incluíram as canções pretas como representações desses protestos.” Segundo a autora, nunca houve uma atenção dos teóricos, críticos e intelectuais para as produções afro-brasileiras enquanto objeto de intervenção e resistência.

É preciso trazer outras sonoridades para a nossa dança, por isso defendo repensarmos nossos referenciais teóricos, pois aprendi com Conceição que palavra é carne, corpo, ação. São essas inquietações que me levaram a perguntar: como são os corpos dos autores que compõem minhas referências como professor e pesquisador nesses últimos anos? Como são os corpos dos meus professores da universidade?

Não sei como vocês responderam a essas perguntas, mas eu identifiquei a maioria dos corpos brancos. E falando especificamente dos autores utilizados, eles

eram em sua maioria brancos. Novamente, vou reforçar, não estou excluindo tudo que aprendi com eles, jogando no lixo, pois fazem parte do meu corpo, das minhas vivências. Porém, sinto que nesse momento quero dançar uma outra dança, quero escrever, quero fazer movimentos mais afrescalhados, afeminados e pretos. Por isso, chego na escrevivência de Conceição Evaristo.

Iniciando a conversa sobre o conceito de escrevivência

O termo escrevivência é cunhado pela pesquisadora Conceição Evaristo em sua dissertação de mestrado, em 1995 (ISABELLA, ROSADO NUNES, 2020, p. 12). Ele surge na mistura das diversas vivências que Conceição traz em seu corpo de mulher negra escritora, pesquisadora, professora, mãe. Ao nomear a escrevivência de conceito-experiência, Conceição (2020) lança uma crítica às abordagens teóricas que usam os corpos pretos como objetos de estudos e questiona o fato de as produções científicas e literárias falarem pela comunidade negra. Agora, a preta tem a caneta e, assim como Maria Carolina de Jesus, escreve a sua própria história a partir do que vive na pele.

Escrever é um ato de insubmissão das mulheres negras que assumem o protagonismo falando de si, fabulando mundos e apresentando um “nós” compartilhado. A escrita, agora, mais feminina e empretecida, borra e desfaz uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras eram dominadas pelo controle escravocrata. As mulheres pretas passam a tomar a letra, se apropriam do exercício da escrita, dando a ela outros sentidos, “sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais,” lembra Evaristo (2020, p. 30). Essa voz que ecoa dos textos não tem a intenção de ser “mansa”, “comportada”, “conforme os padrões”, “bela, recatada e do lar” ou ainda, para brincar ainda mais com essa ironia gostosa “discreta e fora do meio”. Conceição é assertiva, como a flecha de Oxóssi, ao afirmar: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.” (EVARISTO, 2020, p. 30).

Esse entrelaçamento entre literatura e pesquisa acadêmica faz com que as fronteiras fiquem borradas. Falando sobre a escrita acadêmica e seus formatos

tradicionais, puxo a cadeira e convido a professora Fernanda Felisberto (2020), pois ela menciona seu incômodo com essas amarras presentes nas estruturas acadêmicas.

Vamos escutá-la:

Não é fácil se libertar das amarras das estruturas acadêmicas internalizadas que apontam sistematicamente para ‘regras’ que, no momento de produção de um texto, se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma, ponto recorrente de desqualificação, o que me conduz, com frequência, a titubear, e em alguns momentos engessam a minha capacidade criativa (FELISBERTO, 2020, p. 165).

Com a escrevivência, o texto sisudo, fantasiado “à lá rigor científico”, vai amolecendo pelo gingado dos corpos pretos. Puxar a cadeira pra conversar enquanto serve um café, esse é o sabor. Eita que vontade! Vou dar uma pausa aqui na escrita e preparar um cafezinho.

Minha avó ainda hoje me chama para a casa dela e conta histórias enquanto prepara a tapioca de coco e queijo coalho. Se essas histórias são inventadas? Não interessa. O que importa é que a escrevivência é parida desse universo, do tom de conversa que mulheres pretas pobres usam cotidianamente. Essa relação com a oralidade de uma experimentação estética está presente no projeto literário de Conceição. “Quero criar uma literatura a partir das minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo” (EVARISTO, 2020, p. 42).

Eu falei um pouco sobre a minha avó. Isso me fez lembrar de algo que Conceição relatou sobre sua infância, quando ela pela primeira vez tem contato com o universo da escrita. Sua mãe pega um pedaço de graveto, senta, abre as pernas, afasta o pano da saia e risca o chão com um símbolo que se compõe a partir de um círculo central e retas ao seu redor.

Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles (EVARISTO, 2020, p. 49).

Menina-conceição olha. Sua mãe chama o sol. As nuvens carregadas de chuva. O varal pesado, pendendo com as roupas que esperavam para secar. Um ato de desespero, comenta a menina-Conceição, pois muitas roupas que estavam estendidas eram da patroa de sua mãe. Escreviver tem a ver com um desejo que algo mude. Assim aprendeu a menina-conceição. Escreviver é uma ação, pois os corpos de mulheres pretas têm urgências. Quando Conceição entra nesse universo que é a escrita, universo esse dominado por um saber europeu e embranquecido, ela compreende que sua letra não pertence só a si, mas a outras mulheres pretas e pobres. Aqui temos uma nova contribuição para a nossa conversa, uma percepção, advinda da própria autora: escrevivência é um aparato teórico que mobiliza saberes dos corpos pretos e femininos que assumem “o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (EVARISTO, 2020, p. 38).

Escrevivência, corpo e palavra na academia

Como a academia tem feito uso da escrevivência?

Essa pergunta pode ser respondida por três pesquisadoras pretas. Uma já apareceu por aqui: Fernanda Felisberto (2020) e faz parte da nossa conversa. Vou puxar mais duas cadeiras para Maria Aparecida Salgueiro (2020) e Maria Nazareth Fonseca (2020). Elas participaram, juntamente com Conceição Evaristo e outras pesquisadoras e pesquisadores negras(os) brasileiras(os), na produção de um livro lançado durante a pandemia chamado: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, sob organização de Constância Duarte e Isabella Rosado (2020).

Vou começar a discussão com as contribuições da professora Maria Nazareth Fonseca. A autora menciona inicialmente a escrevivência como um termo que está em fase elaboração conceitual, a partir do uso de diferentes pesquisadoras e pesquisadores em seus artigos, dissertações e teses. Afirma: “o termo escrevivência que, aos poucos, vai assumindo os contornos de um conceito [...] (FONSECA, 2020, p. 64).

Na mesma esteira de raciocínio, Maria Aparecida Salgueiro (2020, p. 101), ainda atesta que escrever é um conceito criado por Conceição Evaristo e que nasce no seio da Teoria da Literatura. Esse conceito permite enfatizar e trabalhar aspectos da ‘ancestralidade’, ‘oralidade’ e ‘atemporalidade’.

Fernanda Felisberto (2020), por sua vez, professora de Literatura, no Departamento de Letras, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), reflete sobre algumas monografias orientadas por ela. O intuito é pensar acerca dos diferentes usos que a escrevivência assume nesses trabalhos acadêmicos. Inicialmente, Fernanda apresenta a escrevivência como “um operador teórico” (FELISBERTO, 2020, p. 166). Para a pesquisadora, o eixo central tem sido a experiência do racismo e suas intersecções com as diferentes formas de opressão. De acordo com a autora, o aumento dos corpos negros vivos dentro da universidade, atuando tanto no corpo docente quanto no discente, tem provocado fissuras estruturais. As relações de compadrio e de privilégios presentes nas universidades têm sofrido mobilizações, pois as instituições estão mais pretas. A escrevivência faz parte desse cenário de tensionamentos, possibilitando que o escrever ocupe o mesmo pódio de outros gêneros de textos acadêmicos.

Ao ler o texto de Fernanda, sinto alegria. E acho que ela escreveu seu texto com um sorriso nos lábios. Ela diz que cada vez mais escritoras negras contemporâneas estão se utilizando da escrevivência em suas produções acadêmicas. E ainda celebra: “estamos vivendo um momento em que a ebulição de experimentos escritos já não pode mais ser amputada para caber dentro da roupa justa que um texto acadêmico pode se tornar” (FELISBERTO, 2020, p. 179).

Para resumir esta discussão introdutória, o que as autoras consideram até aqui é que a escrevivência estão em fase de elaboração conceitual, podendo ser assumidas como um conceito-experiência ou ainda como um aparato teórico. Além disso, há produções acadêmicas que sugerem o escrever como uma abordagem metodológica.

Sob esta perspectiva metodológica, de acordo com as autoras Lissandra Soares e Paula Machado (2017), a escrevivência, enquanto propositura metodológica, configuraram uma discussão ética, estética e poética. Uma elaboração textual que

está situada no entre produção científica e artística, causando fissuras nos formatos tradicionais de se fazer pesquisa.

Embora a escrevivência tenha sido cunhada por Conceição Evaristo para trazer à tona “narrações de si” de mulheres negras, há na atualidade pesquisas que diversificam o uso deste(a) conceito-experiência/proposta metodológica/aparato teórico. Os diferentes modos de usar a escrevivência dentro do âmbito acadêmico, abrangem corpos de pretas, bichas, sapatões, travestis, dentre outros. É nessa direção que Lissandra Soares e Sandrine Machado (2017, p. 208) situam a escrevivência como uma virada epistêmica alimentada pela “diferença como produtora de vida e de processos de subjetivação.”

Escrever, portanto, é um questionamento contundente à história oficial única como nos alerta a escritora, feminista, nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Este aspecto opera uma dimensão ética e estética na produção de conhecimento, pois confecciona uma teia de saberes imbricada com a multiplicidade de narrativas. Enquanto “fala sobre si”, estas narrativas evocam um “nós” compartilhado, escrevivências singulares se entrelaçam e apontam para uma coletividade.

Escrevivência, corpo e palavra nas pesquisas em artes e educação

Acredito que brincar com o texto, com as palavras, dançar com nossa forma de produzir um trabalho científico, não exclui o fato de se fazer uma boa pesquisa, ou de ter uma boa prática docente. E quando falo em “boa” não estou me referindo àquelas avaliações frias, cheias de tabelas. Estou falando em se engajar com o ofício de pesquisar, de aprender e de ensinar. Isso tudo faz parte do nosso escrever, dos nossos gingados para manter o corpo vivo em uma pesquisa em educação. Entre sala de aula, prática artística e pesquisa acadêmica.

Sobre os diferentes usos da escrevivência, no âmbito das pesquisas acadêmicas, vou começar situando como elas estão sendo utilizadas no campo da educação. Para chegar nessas pesquisas foi realizada uma busca de trabalhos em algumas plataformas *online* de reconhecimento científico. Comecei pelo *site* da

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Busquei a palavra-chave “escrevivência”, adicionando o filtro “educação”. Encontrei 4 resultados, 3 teses e uma dissertação. A mais antiga é de 2018. Fiz essa mesma busca no *site* Banco de Teses e Dissertações da Capes. Dessa vez, não adicionei filtro, pois esta plataforma exibe de forma mais detalhada (na parte esquerda da tela, descendo a barra lateral da página) o número de trabalhos encontrados por áreas de conhecimento. Nessa busca, a palavra-chave “escrevivência” apresenta 75 resultados. Os campos de conhecimentos com maior quantidade de trabalhos são: 25 em Letras; 9 em Educação; 6 em Artes. Filtrando a busca especificamente sobre a área de Educação, encontrei 8 dissertações e uma tese. A publicação mais antiga neste catálogo é de 2018.

Efetuei uma busca rigorosa também nos periódicos da Capes. Diferente dos dois *sites* anteriores, esse mostra artigos científicos indexados. Ao pesquisar por “escrevivência”, o *site* identificou 175 resultados. Ao pesquisar por “escrevivência e educação”, a plataforma registrou 39 resultados. Realizei uma operação de filtragem em cada um desses resultados e encontrei títulos duplicados, ou seja, um mesmo artigo apareceu mais de uma vez. Depois dessa apuração, cheguei a um total de 34 resultados. O trabalho mais antigo é de 2017.

Ao pesquisar nessas plataformas, constatei uma ascensão do uso da escrevivência no cenário acadêmico brasileiro. Porém, esse crescimento é recente e tardio, pois Conceição Evaristo criou o conceito-experiência em sua dissertação no final dos anos 90. É só a partir de 2017 que temos um número mais expressivo de trabalhos que o utilizam.

Separei duas dissertações que ajudam a vislumbrar um pouco de como está sendo o uso do conceito-experiência na educação. A escolha desses trabalhos se deu pelo uso da escrevivência na forma e no conteúdo do texto dissertativo. A primeira dissertação foi escrita por Hariagi Borba (2019) e tem como título: *AQUI NA ESCOLA É BOM PORQUE TEM GENTE DE TUDO QUE É TIPO: AS SAPATA, OS VIADO, AS BIXA!*. Ela realiza uma pesquisa em que se coloca como participante-observadora para estudar as relações das(os) estudantes de uma escola pública de Porto Alegre, durante o espaço-tempo recreio. O foco da sua observação são as corporalidades escolares desviantes e como elas compõem o espaço escolar. Ao observar esse cotidiano e estabelecendo vínculos de proximidade com as(os) estudantes, ela cria cinco textos

em que fabulam a relação destas(es) com a instituição de ensino. Como instrumento metodológico, Hariagi (2019, p. 16) utilizou principalmente o diário de campo. Contudo, os vínculos afetuosos com as(os) discentes ampliaram seus instrumentos metodológicos que também passaram a ser “conversas informais pelo *Facebook*, desabafos e segredos pelo *WhatsApp* [...]”

A escrevivência entram no trabalho de Hariagi como um operador teórico. Pedindo licença à Conceição, a pesquisadora amplia as possibilidades de corpos, passando a escrever sobre corporalidades pretas, afeminadas e sapatônicas. Hariagi aponta que o intervalo, esse espaço de brecha entre as aulas, é um lugar onde os corpos dançam e criam novos sentidos para a escola. Intervalo que mais do que um momento de lazer, se efetivou, a partir de suas observações, como espaço crítico em que os diferentes corpos lidam com as normatizações escolares e dançam, cantam, ocupam, resistem, enfrentam, reinventam a escola. A pesquisadora relata momentos desviantes quando, por exemplo, as(os) estudantes conseguem liberação do uso da caixa de som, pela direção escolar, e se juntam para dançar durante o espaço-tempo recreio.

Ao se deter no uso da escrevivência na pesquisa anteriormente mencionada, percebo que ela aparece como um operador teórico que produz uma escrita em primeira pessoa, a experimentação de uma escrita literária e uma postura crítica que põe em protagonismo corpos marginalizados pela instituição de ensino. O diário de campo é o principal recurso metodológico e se fundamenta a partir da perspectiva de pesquisa qualitativa com observação participante.

A escrevivência é ancorada a partir desse cenário, atuando como agente mobilizador de uma postura teórico-metodológica. Tal postura está presente na experimentação estética do texto acadêmico e na propositura positiva de corporalidades pretas, afrescadas e sapatônicas.

O segundo trabalho dissertativo que faz uso da escrevivência no campo da educação, foi escrito por Rita Camisolão (2020) e tem como título: *CARTOGRAFIA DO ACOLHIMENTO: ESCRIVIVÊNCIAS DO ESTUDANTE NEGRO NA UFRGS*. Nele, a autora estuda como as políticas de Ações Afirmativas têm sido implementadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, mais que isso, como as(os) discentes negras(os) vivenciam tais políticas. Ela parte das experiências desses corpos

para pesquisar a forma como eles se sentem (ou não) acolhidos pela universidade. A autora objetiva pesquisar como o acolhimento na universidade ocorre, busca compreender o que é acolher no âmbito acadêmico e analisa de que forma as(os) estudantes negras(os) experienciam o acolhimento.

A escrevivência surge nesse trabalho para compor seu olhar metodológico. Isso porque a autora apresenta inicialmente o método cartográfico para em seguida expor o conceito-experiência criado por Conceição Evaristo. É ouvindo as histórias contadas pelas(os) próprias(os) discentes dentro da universidade que a pesquisadora vivencia uma escuta sensível que às vezes era rodeada pela “emoção que corta a palavra” (CAMISOLÃO, 2020, p. 31). Nesse processo, a pesquisadora também afirma que ampliou a sua compreensão de habitar o espaço universitário, a partir da criação e recriação de espaços mais acolhedores.

Destaco o fato de Rita compor a primeira geração de sua família a concluir o ensino superior. Ela traz um pouco da sua biografia na dissertação e apresenta a importância das políticas afirmativas na sua vida. Além de discente, também é servidora técnica da UFRGS. Essa sua experiência a fez produzir uma escrita que fizesse sentido com sua trajetória. Ela assume a caneta e escreve as histórias contadas pelo seu corpo.

Pensando em como as duas dissertações mobilizam a escrevivência no campo da educação, percebo que o conceito-experiência é usado tanto como procedimento metodológico quanto aparato conceitual. Isso se efetiva quando as autoras escrevem em primeira pessoa, trazem o protagonismo dos corpos que são marginalizados cotidianamente pelas instituições de ensino e apresentam uma experimentação estética na pesquisa acadêmica a partir da contaminação com a escrita literária.

A escrevivência e(m) experimentos artísticos-científicos

E como a escrevivência está sendo usada em pesquisas que experimentam esteticamente a pesquisa acadêmica? Como essas pesquisas provocam uma discussão

estética mais acentuada entre produção artística e científica? Essas perguntas surgem do meu interesse em experimentar uma escrita científica que relacione corpo e educação, criando um texto dançante.

Essas inquietações surgem com a minha entrada no doutorado em educação e com um encontro inesperado e instigante que tive com um colega de turma. Iniciei as aulas durante o isolamento social, em pleno 2020, vivenciado mundialmente por conta da pandemia do COVID-19. E por isso, várias instituições de ensino aderiram às aulas remotas. Todos os dias assistia notícias que me atualizavam sobre o número de mortos. Processo lento de aquisição das vacinas. Desgoverno. Telas, telas e telas. Assistia ao noticiário para saber como o mundo e o Brasil estavam em meio à pandemia. Ficava tenso, embora aquilo de ligar a TV tivesse se tornado um ciclo vicioso. Afundava no sofá, meus pés pesavam muito. Sobre mim o peso do mundo. Não conseguia me levantar. Esforço para pegar o texto, os artigos científicos. Esforço para focar naquelas páginas, naquelas linhas retilíneas. Mais uma aula, mais uma aula. Vamos lá, Maurício!

Pandemia. Luto. Como mover? A poesia de Clarice me fez desaguar.

Mobilizar minhas águas. Choveu dentro e fora do apartamento.

As aulas do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) estavam, nesse momento, em formato síncrono e assíncrono. Aulas mediadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) conectadas à Internet.

Certo dia, saltando com os olhos pela tela do computador, observei, durante a aula, cada rosto que era transmitido em janelas retangulares. Um deles se chamava Pedro. Gostei do que ele falava, pois suas colocações traziam um olhar artístico sobre o corpo na educação. Às vezes um felino atravessava sua câmera. Resolvi enviar uma foto do meu gato para ele por meio do *what's*. Ele respondeu a mensagem enviando fotos de seus vários gatos.

O momento em que eu e Pedro mais conversávamos era durante a aula. Utilizávamos as mensagens instantâneas como um lugar de encontro para nos

aproximarmos e conversar para além da aula. Algo nos aproximou: o incômodo que sentíamos em perceber que havia pouco ou nenhum espaço para a relação entre corpo e sua potencialidade criativa nas aulas e nas atividades acadêmicas que participávamos. Passávamos horas sentados diante do computador, vendo slides e explicações das professoras e professores. As mensagens que trocava com Pedro me alimentava, pois sentia que eu tinha um interlocutor com o qual eu podia expressar meus incômodos. Ele até me mostrou um pouco do lugar onde mora, Ribeirão Claro, localizada no norte do Paraná. No meio de tantos *slides* e de artigos que líamos e debatíamos, recebia sua mensagem com entusiasmo, pois eram carregadas de poesia.

Computador. Rede. Aula. Tela.

Em uma dessas mensagens, Pedro me envia uma foto de um desenho que fez durante uma daquelas aulas com muitas “falas e pouca dança”. Nos rabiscos de Pedro, havia uma pergunta: Como colher o movimento?. Minutos depois, chega mais uma mensagem: “Difícil ficar ‘só’ ouvindo?”

Difícil

ficar

Só

ouvindo

Foi conversando com Pedro que comecei a pensar: como fazer o texto dançar? Como experimentar novos jeitos de escrever uma pesquisa em educação que fizesse mais sentido para meu corpo dançante de pesquisador e docente? Dá pra perceber essas inquietações nos áudios que enviei para Pedro no dia 27 de agosto de 2021 via *WhatsApp*. Gravei os áudios enquanto viajava para Recife. Neles, eu começo a pensar como trazer outras materialidades para compor o texto acadêmico a partir de uma postura artística e experimental. Foram essas inquietações que me levaram a buscar pesquisas que trabalhassem de forma mais inventiva a escrevivência de Conceição. Assim, eu chego a dois trabalhos dissertativos que propõem modos mais

disruptivos com o formato tradicional do texto acadêmico. E é por este motivo que os trago para o mapeamento do referido estado da arte.

No trabalho *PEDRA HOMEM. PROFEFLOR. CABRA FÊMEA... - O DIÁRIO ESCOLAR DO CORPO PERFORMATIVO* - Magno Matos (2018) faz as malas e viaja até São Paulo para morar. Nessa sua mudança espaço-tempo-corporal el_ faz um mestrado profissional com ênfase no ensino em Artes (vou utilizar o símbolo *underline*, deixando o gênero neutro, como fez o pesquisad_r em seu texto).

Seu texto, escrito em primeira pessoa, utiliza como ferramenta metodológica diários de campo em formato de texto e de áudios. El_ acompanhou sua atuação docente em duas escolas públicas durante quatro anos, trabalhando tanto em Salvador quanto na capital paulista. Um dia quando _s alun_s perguntavam qual o seu nome, el_ escreve no quadro: Profeflor. Em suas intervenções no cotidiano escolar, _ pesquisador_ vai criando o que chama de via(da)gens pedagógicas (MATOS, 2018, p. 169) para tensionar as “naturalizações heteronormativas presentes no espaço escolar” (p. 177). Esse espaço inventivo é presente em todo texto, elaborando uma escrita que não se comporta educadamente e nem quer obedecer a norma culta ou as regras da ABNT. Seu texto traz uma linguagem de gênero neutro, substituindo indicação de gênero pelo sinal “_”.

Embora seu texto utilize a escrevivência, Profeflor apresenta inicialmente as escritas de si de Michel Foucault. O nome de Conceição Evaristo não é citado diretamente e aparece rapidamente no trabalho dissertativo quando Profeflor indica proximidades entre as contribuições teóricas da escritora brasileira com o filósofo francês. Porém, el_ não cita nenhuma obra de Conceição, dedicando poucas linhas sobre a escrevivência. Acrescenta que prefere utilizar o termo escrevivência pela “potência poética da mulher negra, cujo nome-cor é o mesmo de minha mãe” (MATOS, 2018, p. 35).

Outra dissertação que provoca uma experimentação estética com a linguagem acadêmica é a de título: *EXCARNADO: COMO ANDAR DE VIÉS PELO COSMOS*, escrita por ‘Vermelho’, nome performativo criado por Rafael Ribeiro (2020). O autor cita a “escrevivência” cinco vezes durante o texto, porém não menciona o nome de Conceição, nem sugere alguma proximidade teórica com a pesquisadora.

Tanto Profeflor, quanto Vermelho são artist_s pret_s e bich_s que dinamizam questões de gênero e raça. Amb_s apontam momentos de violência: Vermelho na sua história a partir do poder performativo das palavras - violência doméstica, orientação sexual, racismo; Profeflor, ao experimentar intervenções performativas viadas nas escolas que trabalha.

Observo que há nas duas dissertações apresentadas uma acentuada experimentação estética na pesquisa acadêmica nas seguintes constatações: uso de recursos iconográficos, embotamento das fronteiras entre uma produção artística/literária com a acadêmica, disrupção com as normas da ABNT. Com relação a este último ponto podemos identificar que os trabalhos: não se utilizam de fontes de letras mais comuns em trabalhos acadêmicos (como *Arial* e *Times New Roman*); modificam as formatações tradicionais de um texto acadêmico; apresentam os objetivos, recursos metodológicos, referenciais teóricos, problema de pesquisa diluídos no corpo do texto de forma sugestiva; propõem outras maneiras de citar (direta e indiretamente) as referências teóricas.

As dissertações que apresentei, até aqui, mostram uma postura político-estética contaminada pela escrevivência, fazendo com que as pesquisas assumam uma perspectiva crítica e experimental no meio acadêmico. Os corpos pretos, afeminados passam a falar sobre si mesmos, produzem conhecimento, mobilizando normas e trazendo novas poéticas para a academia.

Conceição Evaristo, a partir de suas contribuições como escritora e pesquisadora, brinca com as palavras. Ela escreve que algumas palavras podem trazer dores, alegrias, medos, calma, celebração, raiva. Essa conduta presente no fazer de uma mulher negra brasileira, mãe, professora, escritora, permite novas invenções e desdobramentos. Isso pode ser constatado em pesquisas que redimensionam e (re)criam a partir da escrevivência.

Cito alguns exemplos: *Cantovivência*, de Victoria Villanova (2021); *Fotoescrevivência*, de Bárbara Pelicani (2018), e *A escrita com a luz das fotoescrevivência*, de Vilma Neres (2021). Estes trabalhos apontam que as múltiplas contribuições de Conceição Evaristo para a academia possibilitam novos usos do conceito-experiência. Evaristo lançou a semente e já vejo muitos frutos. Conceição

pariu. Eu pari junto com ela. Corpos pretos e pretas, bichas, viados, sapas, travas, todos parindo nessa imensa floresta cheia de vida indiscreta.

Algumas palavras antes de me des-pir(pedir)

Após a pesquisa de estado da arte, pude concluir que há um crescente avanço das publicações na área de Educação que utilizam a escrevivência em seu corpo teórico. Tal uso encontra-se ancorado em critérios de escolha de base metodológica e, por vezes, no campo estético-político.

Nos trabalhos dissertativos das autoras Hariagi Borba (2019) e Rita Camisolão (2020) o conceito escrevivência foi utilizado como aparato teórico e procedimento metodológico. Observei que a escrevivência conduziu uma postura política crítica propondo o protagonismo das corporalidades pretas, afrescalhadas e sapatônicas.

As dissertações dos autores Magno Matos (2018) e Rafael Ribeiro (2020) trouxeram uma acentuada experimentação estética nas materialidades das suas pesquisas, dinamizando questões de gênero e raça a partir de uma conduta político-estética contaminada pela escrevivência.

Ao utilizar o conceito-experiência criado por Conceição Evaristo essas pesquisas indicam, de certo modo, um adensamento da escrevivência no âmbito acadêmico. Aliados à escrevivência, os textos, suas materialidades, danças e pulsões tornam-se corpos dotados de movimentos autônomos e coletivos. Tais produções ao fazer uso de uma escrita escreviente indicam novos desdobramentos para a escrevivência. Como exemplo: a *Fotoescrevivência*, de Bárbara Pelicani (2018), Vilma Neres (2021) e o *Cantovivência* de Victoria Villanova (2021).

Porém, os trabalhos que apresentei aqui ilustram que Conceição Evaristo é utilizada, na maioria das vezes, apoiada a um conjunto de autoras(es) mais “facilmente” aceitas(os) na academia. Há trabalhos que embora façam uso da escrevivência, nem ao menos citam o pioneirismo de Conceição Evaristo e quando falam dela dedicam poucas linhas e uma breve contextualização.

Quando olho para a universidade, vejo cada vez mais gente preta estudando. Na minha família, eu e minha irmã somos a primeira geração que concluiu o ensino superior. E isso não acontece apenas comigo. É uma longa luta dos movimentos sociais

e resultado de políticas públicas, de ações afirmativas brasileiras. Negras e negros estão na universidade e me parece que ainda precisamos pedir licença para uma tradição embranquecida, dentro de um país que se diz diverso. Quando olhamos para as(os) autoras(es) de maior aceitabilidade, a pele delas(es) tem cor.

Confesso que me frustrei algumas vezes ao constatar esse fato durante minha trajetória acadêmica. Isso se intensificou quando saí do nordeste e fui fazer doutorado em uma universidade no sul do país. Essa mudança me ajudou a perceber questões às quais eu não dava muita importância, pois ainda ficava naquela: “não é bem assim”, “chamar isso de racismo talvez seja exagero”, “não... a universidade não é tão limitante, pois permite que a gente faça pesquisas criativas”.

Lembra da professora Megg que eu fiz uma declaração pra ela no início desse trabalho? As aulas que tive com ela, somadas com algumas situações que vivi enquanto estava morando em Curitiba, me fizeram querer fazer uma pesquisa que positive os corpos afrescalhados e pretos. Bicha preta. Quando escolho essas palavras é porque acredito que elas colocam o dedo na ferida e ao mesmo tempo faz com que possamos dançar outras danças, desmunhecar, aquilombar e rebolar nesses movimentos educativos e científicos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAMISOLÃO, Rita de Cássia dos Santos. *Cartografia do acolhimento: escrevivências do estudante negro na UFRGS*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 97, 2020.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos meus lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-180.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 96-113.

MATOS, Magno Santana. *Pedra homem. Profeflor. Cabra fêmea... - O diário escolar do corpo performativo* -. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. São Paulo, p. 212, 2018.

MISKOLCI, R. "Discreto e fora do meio" – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 44, p. 61–90, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637319>.> Acesso em: 20 jan. 2023.

NERES, Vilma. *A escrita com a luz das fotoescrevivências* [livro eletrônico]. Salvador, BA: Ed. da Autora, 2021. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=kA8rEAAAQBAJ&lpg=PT108&ots=Uhim0ypQB&dq=A%20escrita%20com%20a%20luz%20das%20fotoescreviv%C3%AAs&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 16 jan. 2023.

NUNES, Hariagi Borba. *"Aqui na escola é bom porque tem gente de tudo que é tipo: as sapata, os viado, as bixa!" : narrativas ficcionais sobre existir e resistir no espaço-tempo recreio a partir de uma perspectiva feminista decolonial dos saberes*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 182, 2019.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-24.

PELICANI, Bárbara. *As lutas que educam na América Latina: a Educação Ambiental que emerge do conflito pela água em Cachoeiras de Macacu com um olhar desde a Colômbia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018. p. 236.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento. In: *Psicologia Social. Psicologia Política*, 17(39), 2017. p. 203-219.

VERMELHO, (Rafael Ribeiro). *Excarnado: como andar de viés pelo cosmos*. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 161, 2020.

VILLANOVA, Victoria Cristina Gonçalves. Cantovivência e suas manifestações artísticas. In: *Conexión*. Año 10, n. 15, Rio de Janeiro, 2021, p. 17-33. Disponível em: <<https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/conexion/article/view/24049>> Acesso em: 16 jan. 2023.

Recebido em: 20/01/2023

Aceito em: 07/03/2023